



Terras  
do Côa

da Malcata ao Reboredo

os valores do Côa

## **Ficha Técnica**

### *Título*

Terras do Côa / da Malcata ao Reboredo  
Os Valores do Côa

### *Promotor e Editor*

Estrela-Côa – Agência de Desenvolvimento Territorial da Guarda

### *Concepção e Coordenação*

Parque Arqueológico Vale do Côa

### *Fotografia e Secretariado*

Centro Nacional de Arte Rupestre

### *Edição co-financiada por*

Programa de Desenvolvimento Integrado do Vale do Côa (PROCÔA)  
Promoção do Potencial de Desenvolvimento Regional (PPDR)

### *Design Gráfico*

José Luís Madeira

### *Execução*

SerSilito - Empresa Gráfica, Lda./Maia

### *Tiragem*

1500 exemplares

### *Depósito legal*

124831/98

### *ISBN*

972-97832-0-9

1998

### *Fotografia da capa*

Gravura rupestre de 1944, Foz do Rego da Vide, Vale do Côa (CNART)

## Terras do Côa Da Malcata ao Reboredo

### COORDENAÇÃO:

Alexandra Cerveira Pinto S. Lima

### FOTOGRAFIA:

Manuel Almeida

### AUTORES:

ALEXANDRA CERVEIRA PINTO S. LIMA

Mestre em Arqueologia (Instituto de Conservação da Natureza, colaboradora do Parque Arqueológico Vale do Côa)

ANA MARGARIDA CARVALHEIRA

Mestre em História de Arte

ANTÓNIO FAUSTINO DE CARVALHO

Mestre em Pré-História e Arqueologia (Parque Arqueológico Vale do Côa)

ANTÓNIO MARTINHO BAPTISTA

Arqueólogo (Director do Centro Nacional de Arte Rupestre)

FERNANDO MAIA PINTO

Arquitecto (Director do Parque Arqueológico Vale do Côa)

FRANCISCO SANDE LEMOS

Doutorado em Pré-história e História da Antiguidade (Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho)

GASPAR MARTINS PEREIRA

Doutorado em História Contemporânea (Professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; coordenador do Grupo de Estudos Históricos da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto - GEHVID)

GONÇALVES GUIMARÃES

Mestre em Arqueologia (Director da Casa Municipal de Cultura/Solar Condes de Resende, V.N.Gaia; assistente convidado da Universidade Portucalense Infante D. Henrique)

HELOÍSA SANTOS

Arqueóloga (investigadora do GEHVID)

ISABEL ALEXANDRA LOPES

Arqueóloga (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigadora do GEHVID)

ISABEL MARIA FERNANDES

Bolseira de Doutoramento do Praxis XXI / Universidade do Minho

JORGE ARGÜELLO

Doutorado em História (pela Univ. de Oviedo) e bolseiro de pós-Doutoramento da *Fundación para el Fomento de la Investigación Científica Aplicada y Técnica del Principado de Asturias*

JORGE FORTUNA

Ecólogo (colaborador do Gabinete Municipal de Arqueologia e História da Câmara Municipal de Matosinhos)

LAURA CASTRO

Mestre em História de Arte (Departamento de Museus e Património da Câmara Municipal do Porto)

MARCOS OSÓRIO

Arqueólogo (Câmara Municipal do Sabugal)

MIGUEL AREOSA RODRIGUES

Mestre em Arqueologia (Instituto Português do Património Arquitectónico/Porto; investigador do GEHVID)

PAULA BARREIRA ABRANCHES

Arqueóloga (investigadora do GEHVID)

PAULO DORDIO

Mestre em Arqueologia (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigador do GEHVID)

RICARDO TEIXEIRA

Mestre em Arqueologia (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigador do GEHVID)

SUSANA COSME

Arqueóloga (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigadora do GEHVID)

SUZANA FARO

Pós-Graduada em Museologia (Responsável pelo Museu da Indústria Têxtil, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão)

THIERRY AUBRY

Doutorado em Arqueologia (pela Univ. de Bordéus) (Parque Arqueológico Vale do Côa)

# Sumário

Introdução	7	CAPÍTULO III	
CAPÍTULO I		CONSTRUÇÃO E ESPAÇO SAGRADO:	
CENTROS DE POVOAMENTO:		UM PERCURSO PELA ARQUITECTURA RELIGIOSA	
UM PERCURSO PELAS VILAS MEDIEVAIS		Património Religioso Edificado e Arte Sacra.	
Notas de viagem pelas vilas do Riba Côa e algumas vilas no Riba Douro	15	Registo de ocorrências discretas	103
I – Quatro antigas vilas que guardavam o Douro:		<i>O Mosteiro Cisterciense de Santa Maria de Aguiar</i>	117
Freixo de Espada à Cinta, Mós, Urros e Alva	15		
II – No final do século XIII a aldeia de Torre de Moncorvo		CAPÍTULO IV	
substituiu a vila de Santa Cruz da Vilariaça	18	SABERES TRADICIONAIS: O BARRO, O FERRO E A SEDA	
III – Vila nova do rei D. Dinis na foz do rio Côa	22	A Olaria	135
IV – Vila Velha de Numão - Um projecto de investigação		– A olaria de Felgar / Larinho	136
arqueológica em curso	24	– A olaria de Santa Comba / Barreira	137
V – Três Comendas Velhas da Ordem de Cristo:		A Olaria de Malhada Sorda	141
Longroiva, Muxagata e Meda	30	O trabalho do ferro	144
VI – Da «cidade» romana dos Aravi à vila medieval e moderna		Olhares sobre a seda nas terras do Côa	151
de Marialva	32		
VII – Da <i>penela</i> alto medieval de «Moraria» à vila fortificada		CAPÍTULO V	
de Moreira de Rei	36	TERRAS DO CÔA: DOMINANDO A PAISAGEM	
VIII – A vila de Trancoso onde D. Dinis festejou as bodas do casamento		Património Natural do Vale do Côa: uma abordagem	163
com D. Isabel de Aragão	38	Senhora do Castelo de Urros	166
IX – Castelo Melhor e Almendra: duas vilas do reino de Leão		Senhora do Castelo da Adeganha	168
que passaram a ser uma só no Reino de Portugal	41	Senhora dos Montes Ermos	170
X – A vila leonesa de Castelo Rodrigo, a vila portuguesa de Pinhel		Marialva	173
e o passo do Côa na Ponte Velha	43	Sabugal Velho	174
XI – A vila medieval de Almeida sob a praça militar de fronteira		Caria Talaia	176
dos séculos XVII e XVIII	51	Sortelha	178
XII – A vila leonesa de Castelo Bom, a vila portuguesa de			
Castelo Mendo e o passo do Côa no Porto de S. Miguel	55	CAPÍTULO VI	
XIII – Duas pontes do Côa no caminho entre três vilas leonesas		TERRAS DO BAIXO CÔA:	
e duas vilas portuguesas	59	PERCURSOS DA INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA	
		As gravuras, a beleza e a liberdade	183
CAPÍTULO II		O povoamento paleolítico da bacia do baixo Côa	184
O APROVEITAMENTO DE RECURSOS E A CONSTRUÇÃO		Do fim do Paleolítico à aquisição da Escrita no Baixo Côa	190
DA PAISAGEM: UM PERCURSO PELAS QUINTAS		A arte do Côa e Alto Douro e o Centro Nacional de Arte	
Apontamentos sobre a Vinha e o Vinho no Douro Superior	77	Rupestre (CNART)	196
O Côa, as quintas e o povoamento romano subjacente	85	Ler na Paisagem Contemporânea Paisagens Medievais e Modernas	202
– As Quintas	85	Das Escavações arqueológicas ao Museu de Sítio da Ervamoira:	
– Quintas, <i>villae</i> e povoamento em época romana	87	um programa global de investigação multidisciplinar	205
– Outras modalidades do povoamento romano	90	Projecto de Investigação Arqueológica do Território do Monte	
– Percursos	92	do Castelo (Almendra)	209



## Capítulo V

Terras do Côa:  
dominando a paisagem

**Francisco Sande Lemos  
Jorge Fortuna  
Paulo Dordio  
Marcos Osório**

## PATRIMÓNIO NATURAL DO VALE DO CÔA - UMA ABORDAGEM

Ocupado desde há milénios pelo Homem, o território da bacia do Côa tem sofrido transformações ao longo dos tempos e visto a sua paisagem alterada pelas comunidades que, desde o Paleolítico, aqui deixaram as suas marcas, mais ou menos profundas consoante o seu nível técnico e tecnológico o permitia e as suas necessidades assim o exigiram.

Das grandes manadas de auroques, cervídeos, equídeos e caprídeos selvagens, tão bem documentadas nas gravuras paleolíticas aqui encontradas, já nada resta. O seu desaparecimento, embora condicionado por factores como as mudanças climáticas operadas no fim da última glaciação, deve-se em grande medida à acção do Homem, cujas actividades foram, lenta mas inexoravelmente, moldando a paisagem ao ritmo do aparecimento de novas formas de aproveitamento dos recursos naturais, do crescimento demográfico, da necessidade crescente de matérias-primas.

Com o advento da agricultura e conseqüente sedentarização, inicia-se este processo sem retorno, por vezes marcado por episódios mais violentos, mas que terá tido, até há bem pouco tempo, um carácter relativamente harmónico, resultando quase sempre num equilíbrio dinâmico entre Homem e Natureza, mesmo em épocas recentes de maior densidade demográfica e intensiva exploração agrícola do território.

Uma, ainda que breve, história da relação do Homem com o meio ambiente na área do Côa não pode deixar de se reter na Idade do Ferro, genericamente balizada entre o século VIII a. C. e a ocupação romana, nos finais do século I a. C.. Embora os povoados desta época - os característicos "castros" - estejam mal estudados e conhecidos na região, uma série de núcleos de gravuras rupestres datadas da Idade do Ferro, nas quais as figurações apresentam repetidamente cervídeos e equídeos - estes últimos representados já de uma forma perfeitamente domesticada - atestam um processo de intensificação da exploração dos recursos naturais.

Nos finais do 1º milénio a. C. a região é, de resto, particularmente rica numa manifestação bastante interessante destas populações: a dos «(...) chamados *berrões* ou *verracos*, toscas esculturas de pedra, representando porcos, touros, carneiros ou javalis» (Jorge 1997). Entre muitos outros, não podemos deixar de referir a dupla que ladeia a entrada de Castelo Mendo, o grande conjunto do Monte de Santa Luzia, em Freixo de Espada à Cinta, uma representação atípica exposta no Museu de Freixo de Numão, e um outro em Figueira de Castelo Rodrigo. Interpretados como ex-votos a entidades divinas protectoras dos rebanhos e propiciadores da fertilidade destes (Silva 1986), integram-se nesta perspectiva num quadro conceptual-religioso e económico-social muito ligado à pastorícia.

Da evolução da paisagem interessam-nos sobretudo as alterações operadas aquando da romanização, que introduzem não só novas culturas, como a vinha e a oliveira, mas permitem também uma exploração

agro-económica das encostas e dos vales encaixados tão característicos da região (Almeida, 1995) e fundamentalmente os grandes trabalhos que transformariam radicalmente o *facies* da região, a partir dos séculos XVII/XVIII, com o cultivo intensivo da vinha, de que resultaria «uma das mais extraordinárias paisagens rurais construídas que se conhecem no mundo» (Ribeiro 1993, 184).

Zona de grande aptidão cerealífera, aqui se plantam o trigo, o centeio e a cevada, com fartas colheitas, de que já as Memórias Paroquiais de 1758 dão notícia. A importância da cultura do sumagre (usado nos curtumes e tinturaria) e a exploração da seda (de que as amoreiras, muitas delas mult centenárias, são praticamente o único vestígio que restou dessa actividade económica) decrescerão com a introdução de novos materiais e tecnologias, acabando por desaparecer. A este quadro acrescem outras potencialidades, nomeadamente os recursos da caça e da pesca, sobretudo desta última, já que os rios fornecem enorme quantidade e variedade de peixes, entre barbos, bogas, enguias, muges, solhas, cachuchos, trutas, lampreias e sáveis (Silva, 1995); das espécies cinegéticas, desde cedo se referenciam o corço, o javali, o lobo, a perdiz, o coelho e a lebre (Silva, 1995). Uma nota interessante prende-se com a existência de topónimos referentes ao urso, extinto já anteriormente, nomeadamente Vale da Ursa e Lapa de Urso (Correia 1946, 15), que sugerem a presença deste mamífero na zona.

É este mosaico de socalcos sobranceiros ao rio, zonas planálticas pontilhadas de povoações, de soutos, de plantações de oliveira e amendoeira, de lameiros onde pasta o gado, que chega, praticamente inalterado, aos nossos dias. No entanto, as profundas mudanças recentemente introduzidas no *modus vivendi* destas populações (sobretudo nas últimas décadas) alteraram de maneira significativa este frágil compromisso, com consequências preocupantes para a estabilidade destes ecossistemas. Os rios estão poluídos ou espartilhados entre uma barragem e outra. Do lobo e do corço pouco mais resta do que a memória (embora sobrevivam nalgumas áreas protegidas, nomeadamente a norte, no Parque Natural de Montesinho). O Sabor, último rio verdadeiramente selvagem que até agora escapou à voragem dos engenheiros hidráulicos, será brevemente sacrificado (tudo o indica...) à construção de uma barragem. Mais preocupante ainda, esta situação tem vindo a ser agravada, à primeira vista paradoxalmente, pela crescente desertificação do interior, com o conseqüente desordenamento da paisagem que esta implica, quebrando harmonias há muito estabelecidas.

Ainda assim, o atraso crónico desta região em matéria de industrialização, mecanização da agricultura e vias de comunicação, que só muito recentemente começou a ser revertido (nem sempre, quanto a nós, da melhor maneira, optando-se muitas vezes pelo mais fácil e visível em detrimento de uma política integrada de verdadeiro desenvolvimento, que traga efectivo bem-estar às populações), permitiu que perdurassem valores naturais (e não só...) já muito difíceis de encontrar noutras zonas do País, mais sacrificadas ao que se convencionou chamar *os tempos modernos*.

Fruto de um conjunto de visitas à região do Côa, esta abordagem ao património natural da zona pretende unicamente servir de orientação na descodificação de algumas das características da paisagem e dos elementos que a compõem, a partir de sete locais previamente escolhidos, com as limitações óbvias

que o carácter deste trabalho implicou. Tentar-se-á, de qualquer forma, proporcionar ao leitor uma série de «visitas guiadas» pelo território visível a partir dos referidos pontos, cujo critério de escolha assentou no facto de terem sido utilizados pelo Homem, ao longo dos tempos, para a construção de povoados, torres de vigia ou fortificações, lugares hoje quase todos sacralizados, e dos quais, mercê da implantação em pontos elevados da paisagem, se avista uma vasta área envolvente.

Percorre o Côa, nos 140 quilómetros que o separam da nascente à foz, um território multifacetado, heterogéneo, ora comprimido entre fragas e encostas alcantiladas, ora espraiando-se em férteis vales e várzeas, dos quais, num hino ao labor árduo - que a terra aqui não se compadece com os humanos cansaços - retira o homem o prémio das suas sementeiras. Nesta vasta região, entre o rio e a raia - delimitada *grosso modo* a norte pelo Douro, a poente pelo Águeda e a sul pela Serra da Malcata (onde de resto nasce o Côa, a 1060 metros de altitude, perto da povoação de Foios) - convivem representantes da fauna e da flora de inegável interesse patrimonial. Para além dos elementos estáticos da paisagem, aos quais faremos também referência, e na impossibilidade (diríamos também na inutilidade) de enumerar todas as espécies de vertebrados - já para não falar da miríade de invertebrados - que povoam estas paragens, dar-se-á uma ideia das espécies de mamíferos, aves, répteis e anfíbios mais comuns ou que com mais facilidade poderão ser observadas, além daquelas que foram registadas aquando das visitas efectuadas ao terreno. Far-se-á também menção às espécies que, pela sua raridade, merecem sem dúvida uma nota (e que a sorte poderá trazer ao encontro do leitor).

*Jorge Fortuna*